

UM QUÊ DE MONALISA NA LITERATURA BRASILEIRA: O OLHAR DE  
CAPITU

Paulo VALENTE<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo analisaremos a importância do olhar, principalmente, o feminino na escrita de Machado de Assis. Para tanto, iremos nos deter, especificamente, na personagem Capitu, do romance *Dom Casmurro*, a fim de que comprovemos tal importância. Utilizaremos, dentre outras obras críticas sobre o autor em questão, os textos de Candido (2004) e Bosi (2007).

**Palavras-chaves:** Machado de Assis. Olhar. Importância. Capitu. *Dom Casmurro*.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Têm meiga expressão,  
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta  
De noite cantando, — mais doce que a flauta  
Quebrando a solidão,

Gonçalves Dias

**Texto Introito ou por que (re)ler este clássico?**

Ítalo Calvino, em *Por que ler os clássicos*, afirma que clássica é aquela obra que nunca deixou de dizer o que nos tem a dizer e que sempre traz o peso da tradição dos discursos já sacramentados, ou seja, que carregam uma nuvem de outros textos surgidos a partir de sua leitura. Assim, obras como as peças shakespereanas, por mais que se tenha lido e ouvido falar, visto representar, sempre trará algo que nos foi desconhecido até então.

Nessa mesma chave de leitura e definição, João Alexandre Barbosa, em seu texto *Literatura Nunca é Apenas Literatura*, concebe que há textos clássicos com os quais tomamos contato antes mesmo de lê-los propriamente dito. Segundo a sua concepção, internalizaríamos o que, culturalmente, já se produziu sobre tais textos, o que a sociedade, os leitores que nos antecederam, a crítica literária especializada já discutiu, analisou e concebeu sobre o texto clássico. O cânone brasileiro está repleto de exemplos de obras que, ainda que sejam novidades a alguns leitores (e sempre serão) carregam o peso de um

---

<sup>11</sup> Professor do CCSE, da Universidade do Estado do Pará e professor do UAB/Universidade Federal do Pará. Belém, Pará, Brasil. Endereço eletrônico para contato: valente.paulo@globomail.com

discurso sacramentado. Esse parece ser o caso de *Dom Casmurro* e a descrição de sua personagem principal.

Capitu, grandiosa como é, ganha vida não apenas nos discursos daqueles que tiveram o prazer de ler as páginas machadianas, mas também nas vozes dos que nunca leram o romance, mas sabem de seus olhos que “de ressaca”, “de cigana oblíqua e dissimilada”. No entanto, aos que leem, o texto reserva uma surpresa: não apenas a vizinha de Bento Santiago, mas outras personagens do romance têm os olhos e a visão como elementos propícios para delinear a descrição. Percebemos que a descrição do olhar (forte, misterioso, culpado) funciona ora como metáfora, ora como metonímia, na referida obra.

Na busca de responder, então, qual a função e a importância do olhar na obra machadiana *Dom Casmurro*, dividimos este artigo em quatro tópicos, todos titulados a partir da obra machadiana, dispostos da seguinte forma, a saber: no primeiro tópico, esclarecemos o título do artigo, no seguinte nos referimos a Machado de Assis e sua obra, em um plano mais generalizante, no tópico terceiro analisamos o olhar na obra *Dom Casmurro*, e, por fim, no quarto e último tópico, concluímos o artigo, unindo suas duas pontas... Nosso referencial teórico pauta-se, principalmente, nos estudos de Alfredo Bosi e de Beatriz Berrini.

### **1. Introdução: Do título<sup>2</sup>**

Certa vez alguém proferiu e a sabedoria popular tratou de repetir que “os olhos são o espelho da alma”. Aforismos à parte, poderíamos, no que se refere às personagens machadianas, ir além. Os olhos são, neste caso, a própria alma, a extensão da personalidade das personagens, ou seja, aquilo que as definem, descrevem-nas, revelam-nas em sua intimidade. Capitu, criação de Machado de Assis, é dessas personagens cujo olhar é tão marcante que parece ser suficiente para que Bentinho se apaixone e neles descubra ou constate a suposta traição.

Assim como a personagem machadiana, outra figura povoa o imaginário ocidental, devido ao seu olhar. Trata-se de Monalisa que, com o sorriso e com o olhar envolventes e atraentes, causa dúvidas e diversas interpretações da obra renascentista do pintor Leonardo da Vinci. Seu modo de olhar é enigmático, obscuro e envolvente, causando, deste modo,

---

<sup>2</sup> Título original do primeiro capítulo de *Dom Casmurro*, usado aqui no sentido de explicar o título do artigo.

## REVISTA MEMENTO

V.4, n.2, jul.-dez. 2013

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

não somente questionamentos, mas também interpretações de diversas ordens. Lucídio Bianchetti, em *Um olhar sobre a diferença*, afirma que “o olhar da Monalisa, saído do pincel de Leonardo Da Vinci, continua, séculos afora, fascinando os admiradores da pintura e daquela expressão de difícil classificação.” (BIACHETTI, s/d, p.4). Nesse âmbito, são olhos que guardam mistérios, os quais, em palavras não se podem mensurar. Ingrid Lemos, em *Monalisa faz 500 anos*, ressalta que a personagem, muito em função desse olhar de que tratamos, “tornou-se um ícone da cultura ocidental e completa 500 anos, ainda cercado de especulações sobre a dama” (LEMOS, 2004, p.1).

Do mesmo modo que o quadro de *Da Vinci*, quinhentos anos após sua pintura, causa dúvidas em quem o aprecia, uma personagem da Literatura Brasileira, também o faz: é Capitu, como já abordamos aqui. Seus olhos, assim como os da bela Gioconda, são enigmáticos, falam o que com palavras não se consegue dizer, mostram aquilo que nem o narrador Bentinho-Casmurro, seu amor de juventude, consegue expressar em palavras.

O olhar de Capitu também é enigmático, misterioso, diz aquilo que as palavras não conseguem dizer. O narrador ciumento, em diversos momentos da narrativa, descreve o modo de olhar de sua amada e isso basta para que compreendamos o que poderia dizer Capitu dada a sua força de expressão.

Bianchetti nos lembra que não é de hoje que o olhar ocupa lugar de suma importância na Literatura ocidental. Afirma que este sentido serve e continuará servindo de inspiração para poetas, músicos e artistas das mais variadas artes. Sendo assim, cita, por exemplo, Mário Quintana, quando este escreve que “O que mata um jardim é esse olhar vazio / De quem por eles passa indiferente”; Chico Buarque em “Olhos nos olhos que eu quero ver o que você diz...” e, por fim, a história grega de Édipo que vaza os próprios olhos quando se descobre parricida, casado com a própria mãe, pai das próprias irmãs.

Beatriz Berrini, em seu texto *A leitura machadiana do olhar*, conceitua o olho e o olhar humano como a principal forma de se conhecer uma pessoa e de uma pessoa conhecer o que há fora e dentro de si. Berrini afirma, pois, que: “na nossa cultura, os olhos são vistos desde os gregos como o mais importante instrumento para o homem conhecer o que existe fora de si: permite o contato com o mundo exterior.” (BERRINI, 2008, p.1). A autora cita também, para exemplificar, Platão, para quem é “a vista o mais sutil dos órgãos do corpo” (apud. BERRINI, 2008, p.1).

## **REVISTA MEMENTO**

**V.4, n.2, jul.-dez. 2013**

**Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR**

**ISSN 2317-6911**

Na perspectiva de Berrini, podemos, então, afirmar que o olhar ocupa lugar ímpar nas sociedades ocidentais e, deste modo, é constantemente retomado por diversos discursos como forma de construção de personalidade e interação social. Partimos dessa perspectiva para identificar como na construção de *Capitu* esse elemento, dada a sua importância e recorrência, ocupa tamanha importância na obra em questão que chega ao ponto de substituir qualquer outro elemento descritivo, bastando por si para delimitar a personagem na obra, seja física e/ou psicologicamente.

Analisamos, também, como o olhar chega, por vezes, a contradizer, ou completar as ações que as personagens tomam no enredo. Nesse sentido, versaremos sobre outra figura de linguagem que marca a escrita de Machado que não a ironia, mas sim a metonímia, ou seja, atributos dados aos olhos são, na verdade, atributos da exterioridade da personagem, da sua personalidade. Desse modo, mostramos como o olhar (a parte) fala pela personagem (o todo). Identificamos, ainda, como os olhos são, no texto machadiano, não somente um meio, um artifício para melhor descrever e delimitar suas personagens, mas são antes essenciais no intento de decifrar a alma, a psicologia, principalmente a feminina, no texto machadiano.

Não é a toa que o olho e, obviamente, o olhar é marcante e presença constante nos textos de Machado de Assis. Só para se ter uma ideia, ao fim da leitura dos 148 capítulos que compõem o romance *Dom Casmurro*, o leitor mais atento perceberá que *Capitu* é demarcada por seu olhar forte, decidido, “oblíquo” e de “ressaca” um total de 25 vezes. Se expandirmos a contagem às demais personagens, perceberemos que o olhar ajuda a descrever também Escobar, de olhos “claros [...] dulcíssimos” (ASSIS, 2002, p.162) José Dias, Bentinho e Prima Justina, ‘de boca fina e olhos curiosos’ (ASSIS, 2002, p.66), por exemplo.

É claro que este número absoluto em nada contribui para despertar o interesse do leitor e para debruçarmo-nos sobre o estudo do olhar em Machado de Assis, mas ao reunirmos todas as referidas vezes em que o olhar de *Capitu* e de qualquer outra personagem é referido na obra, percebemos que nunca temos tal referência posta de forma aleatória. Ela sempre serve para exteriorizar seus sentimentos, mostrá-la ao leitor na sua essência ou, antes, na essência de seus sentimentos.

Apenas a título de curiosidade, não só a obra *Dom Casmurro* recebe a descrição importante do olhar em Machado de Assis, mas também alguns de seus mais célebres textos o fazem. O que seria da personagem Marcelina, de *Cinco Mulheres*<sup>3</sup>, sem seu “olhar lânguido” que a define frágil e delicada.

Parece-nos importante, ainda, refletir e tematizar, neste artigo, sobre a importância do olhar em Machado de Assis e como o referido autor vale-se da minuciosa descrição deste para melhor caracterizar a personagem que descreve apenas neste romance, visto que é nele que percebemos de forma mais patente tal artifício.

## **2. A ciência é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo: um pouco sobre a escrita do autor.<sup>4</sup>**

*Escrever* bem que poderia ter sido o emprego único de Machado, tal qual fora a ciência o de Simão Bacamarte, personagem que beira à loucura, da obra *O Alienista*, do bruxo do Cosme Velho. Mesmo tendo ocupado outras profissões e funções na sociedade carioca do século XIX, é sua vasta obra literária que lhe confere notoriedade e lugar especial em nossas letras. Não há como passar pela Literatura do século XIX sem citar o nome de Machado de Assis e/ou de suas personagens que marcam a nossa Literatura. Mesmo decorridos mais de cem anos de sua morte, Machado ainda é lembrado, lido e suscita estudos e reflexões acerca de sua obra, como este artigo.

Candido e Castello salientam as diversas profissões que o autor seguiu em sua vida, dentre elas a de crítico literário, mas são categóricos ao afirmarem que Machado “representa o exemplo mais perfeito que temos de equilíbrio entre o homem e o escritor, preenchendo uma vida harmoniosa e fecunda, tanto em termos de relações humanas quanto de criação literária.” (CASTELLO e CANDIDO, 2001, p. 229). Ou seja, Machado de Assis soube, como poucos, conciliar sua vida particular com a de escritor, sendo nesta um dos melhores que nossa Literatura produziu, alcançando prestígio e admiração.

---

<sup>3</sup> No caso dos contos, ao contrário do romance, lemos em versão online em site que disponibiliza a obra completa de Machado de Assis, em formato PDF. Por isso não há referência a ano e página. Quanto ao domínio do site, encontra-se nas referências finais.

<sup>4</sup> Trecho do capítulo 1 da obra *O Alienista*. Usado aqui no sentido de explicar a obra e o emprego em que Machado foi mais louvado, o de escritor.

Nas palavras de Afrânio Coutinho (2002), escrever foi sim a real vocação de Machado de Assis, subjugando qualquer outra que tenha exercido o autor de *Dom Casmurro*. Para o crítico, as histórias machadianas servem para “contar a essência do homem, em sua precariedade existencial.” (COUTINHO, 2002, p. 159).

Didaticamente inserido em nossas letras no movimento realista, o bruxo do Cosme Velho mantém-se “eqüidistante dos excessos sentimentais do Romantismo e da frieza do Naturalismo.” (COUTINHO, 2002, p. 152). Assim, Seria recair sobre a obviedade se elencássemos as marcas realistas na obra de Machado de Assis. Não só por ser ele o introdutor de tal movimento em nossa Literatura, mas por ser o maior representante dela. Preferimos, pois, referir-nos a sua obra total, seja em uma primeira fase, encerrada com *Iaiá Garcia* (1878) ou em uma posterior, mais madura, iniciada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Nesse sentido, Machado “entregou-se serenamente aos estudos e à atividade de escritor, pautada por uma evolução segura. Resultou daí uma conduta, com prestígio, o respeito, e admiração de que se fez merecedor.” (CANDIDO e CASTELLO, 2001, p. 229).

De sua escrita, poderíamos elencar diversas marcas, características que o autor soube manusear com maestria na construção de suas histórias e de suas personagens, no entanto, optamos por retomar de que modo soube ele construir uma imagem de Capitu que se cristalizou no imaginário dos que leram e dos que apenas ouviram falar da referida personagem, em especial de seu olhar.

### **3. Olhos de cigana oblíqua e dissimulada<sup>5</sup>**

Nas palavras de Berrini, não há romance machadiano em que o olhar não ocupe lugar mister, ou seja, em que não seja com os olhos que pouco a pouco conheçamos e nos habituemos com as personagens, sua personalidade e atitudes. No entanto, é em *Dom Casmurro* que este lugar se evidencia mais, a ponto de tal artifício servir não apenas para descrever as personagens, mas também para impulsionar o desenrolar da narrativa.

---

<sup>5</sup> Descrição dada por José Dias aos olhos de Capitu, no capítulo 25, do livro *Dom Casmurro*. Usado aqui para titular o tópico no qual versaremos sobre a obra.

Nesse sentido, são os olhos de Escobar, Ezequiel, Sancha, Bentinho e, obviamente, os de Capitu “oblíqua e dissimulada”, que nos apresentam as personagens e nos levam pelo enredo contado pelo narrador que, nas suas palavras, escreve para acabar com a “monotonia que acabou por exaurir-me” (Assis, 2002, p. 27). Assim, se retomamos apenas o olhar na construção dessas personagens, excluindo convenientemente outros aspectos, já teríamos um panorama bastante complexo desse universo criado por Machado de Assis.

Começamos, então, pela mais célebre personagem do romance, Capitu, que nas palavras de Bosi (2007) “é uma personagem mais densa que Virgília [*Memórias Póstumas de Brás Cubas*] ou Sofia [*Quincas Borba*]” (BOSI, 2007, p.27).

Nesse sentido, é ela dentre as diversas personagens femininas de nossa Literatura, talvez a mais famosa e, por isso mesmo, merece destaque em qualquer manual de Literatura.

Ingrid Stein afirma, em *Figuras Femininas em Machado de Assis*, que “das personagens femininas de Machado de Assis, não há outra que tenha recebido maior atenção por parte da crítica do que Capitu.” (STEIN, 1984, p.103). Nas palavras de Candido, é ela “o personagem feminino mais famoso do romancista [Machado de Assis]” (CANDIDO, 2004, p. 25). Mas sua importância não se dá apenas pela polêmica que alguns parcos estudiosos ainda insistem em traçar em torno da dúvida de Bentinho – se ela o traiu ou não – mas sim pela definição dada por seu narrador:

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. (ASSIS, 2002, p. 87)

Da leitura do trecho, depreendemos que é na magia e no poder daqueles olhos que, a princípio, imagem alguma fora capaz de descrever, reside o mistério e a energia de Capitu. Primeiramente, o próprio narrador busca adjetivos, os quais sejam capazes de

## REVISTA MEMENTO

V.4, n.2, jul.-dez. 2013

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

descrevê-los, mas parece que lhe faltam palavras e expressões suficientes para fazê-lo; é então que se questiona se não seriam “olhos de ressaca”, dado seu poder e força de arrastar para dentro quem os olha. Já nesse instante fica claro que o poder de sedução e encanto da personagem advém de seus olhos. Importante, obviamente, destacar que foi uma ressaca de vitimou Escobar e, de certa forma, ainda que metaforicamente, vitimou Bentinho.

O professor Alfredo Bosi, em *O enigma do olhar*, ressalta que:

O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama e detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento” (BOSI, 2007, p. 10)

Nesse sentido, é o olhar de Capitu que desvenda as suas atitudes e nos revela a sua verdadeira essência. É importante ressaltar, pois, que sendo a obra narrada em primeira pessoa, logo, não havendo possibilidade de se penetrar à mente da personagem tal qual poderia fazer um narrador heterodiegético, temos nas descrições dos olhares das personagens uma forma eficaz de desvendá-las, na sua intimidade, aos olhos do leitor.

Outrossim, antes mesmo do narrador caracterizar os olhos de Capitu como “de ressaca” – talvez a descrição mais famosa dentre tantas – é já na infância dos protagonistas, quando Bentinho nos descreve pela primeira a sua amada, que tomamos contato com seus olhos. “Morena de olhos claros e grandes” (Assis, 2002, p. 49). Ainda nesse episódio, Capitu escreve seu nome no muro, atrelado ao de Bentinho, e então ficamos sabendo que os olhares são mais eficazes que as palavras para expressar/dizer o que se sente. “*Os olhos continuaram a dizer cousas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...*” (Assis, 2002, p.51, grifos nossos). Ou seja, a retórica não seria capaz de expressar o que apenas os olhos conseguiam demonstrar.

O olhar dos ainda jovens Capitu e Bentinho está a serviço da descoberta da sexualidade entre ambos.

Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro



## **REVISTA MEMENTO**

**V.4, n.2, jul.-dez. 2013**

**Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR**

**ISSN 2317-6911**

falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. (Assis, 2002, p. 50)

Do referido trecho compreende-se que é com os olhos que Bentinho “confessa” seu amor por Capitu e esta por ele. Quando o narrador expõe que nada falaram e que suas mãos se entrelaçaram, fica patente que os olhos já haviam dito tudo que havia de ser dito e que haviam, também, permitindo tal gesto de namorados.

Os olhos do casal são também essenciais para descrever o que foi a sensação do primeiro beijo que trocaram – primeiro de ambos. “Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua.” (ASSIS, 2002, p. 90). Neste momento, apenas a troca de olhares bastou para que ambos entendessem o que se passava e o que sentiam um pelo outro. Novamente, não houve palavras suficientes para expressar o que apenas aqueles olhos conseguiram ‘dizer’.

É importante ressaltar também que não só os olhos da protagonista são essenciais no romance em questão. Quando surge, na obra, a primeira descrição do amigo de seminário, Escobar, esta vem acompanhada da descrição dos olhos. “Chamava-se Ezequiel de Sousa Escobar era um rapaz esbelto, olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo.” (ASSIS, 2002, p.134). O tal olhar fugitivo é mais eficaz, ou tanto quanto, uma longa descrição minuciosa dos hábitos e das idiossincrasias do amigo de Bentinho.

Nas palavras de José Dias, estes olhos de Escobar eram “dulcíssimos”, nas de Prima Justina, são “uns olhos policiais a que não escapava nada.”. Conforme percebemos, a descrição do olhar de Escobar varia conforme quem o descreve, ou seja, o olhar do outro define o olhar da personagem em questão, assim como ocorre com Capitu. Tal fato deve-se, também ao fato de não termos um narrador que apenas conta, mas sim, que participa da narrativa, portanto, descreve-nos como é a sua visão particular do olhar dos outros, assim como as demais personagens enxergam umas às outras.

Também os olhos de Sancha, amiga de Capitu e mulher de Escobar, mostram-se bastante eficazes em dizer o que a palavra não pode expressar. A mulher de Escobar

recusa, com os olhos, qualquer demonstração de carinho, mesmo fraternal, vinda de Bento Santiago: “Entretanto, os olhos de Sancha não convidavam a expansões fraternais, pareciam quentes e intimativos, diziam outra coisa, e não tardou que se afastassem da janela, onde eu fiquei olhando para o mar, pensativo.” (ASSIS, 2002, pp. 247-8).

Observa-se, nesse trecho, que Sancha apenas com o olhar recusa o carinho mais afetivo de Bentinho, quando este, eufórico, pretende comemorar a notícia que acabara de receber dela, que iriam os dois casais amigos para a Europa. Ainda nessa sequência, os olhos de Sancha despertam, no marido de sua amiga, sentimentos que este nunca antes experimentara: o de desejo por outra mulher que não fosse sua Capitu.

Dali mesmo busquei os olhos de Sancha, ao pé do piano; encontrei-os em caminho. Pararam os quatro e ficaram diante uns dos outros, uns esperando que os outros passassem, mas nenhum passavam. Tal se dá na rua entre dous teimosos. A cautela desligou-nos eu tornei a voltar-me para fora. E assim posto entrei a cavar na memória se alguma vez olhara para ela com a mesma expressão, e fiquei incerto. Tive um certeza só, é que um dia pensei nela, como se pensa na bela desconhecida que passa; mas então dar-se-ia que ela adivinhando... (Assis, 2002, p.248)

É ainda por meio do olhar que o narrador busca as primeiras evidências de que sua amada o traía com o melhor amigo, conforme se vê no trecho em que este relata as imitações de Ezequiel. Teria este “um jeito dos pés de Escobar e dos olhos” (ASSIS, 2002, p. 235), como se não bastasse este primeiro episódio em que Bentinho desconfia de Capitu, há outro no qual narra o velório de Escobar.

Nesse momento, são os olhos de Capitu que se mostram apaixonados, e não a personagem, uma palavra ou atitude sua. “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...” (ASSIS, 2002, p. 255).

Além dos olhares já descritos aqui de Capitu, Sancha, Ezequiel e Bentinho; há que se dar a devida importância aos olhares dos subalternos. Estes, segundo Bosi (2007), olham de baixo para cima, em uma perspectiva que lhes é renegada, pelo autor, de personagens que “estão subindo ou querem subir”. Nesse âmbito, Prima Justina, quando ouve Bentinho elogiar Capitu, dirige-lhe olhos que “pareciam apalpar-me, ouvir-me, cheirar-me, gostar-me, fazer o ofício de todos os sentidos.” (ASSIS, 2002, p.68).

Como se vê, temos em Machado de Assis uma farta área para estudos literários das mais diversas especialidades; este trabalho, por exemplo, buscou retratar uma feição ainda pouco estudada, mas que já apresenta grandes teóricos, os quais se debruçam no intento de desvendar os mistérios que somente os olhos das personagens machadianas escondem e/ou revelam.

#### **4. Conclusões Parciais: atando as duas pontas do discurso**

As conclusões deste tipo de trabalho sempre serão parciais porque nunca se esgotará a fonte de pesquisa e análise que a obra machadiana nos oferece e suscita. Nesse âmbito, ao refletirmos sobre a posição ocupada pelo olhar no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, observamos que este ocupa expressivo lugar, servindo de meio de comunicação, induzindo ou contrariando atitudes que possam desenrolar-se.

Observamos, também, que o olhar em si não é o mais importante, mas sim o que ele resulta, guarda, esconde ou expõe aos leitores. Nesse sentido, os olhos têm uma linguagem própria que, por vezes, substitui qualquer outro artifício ou meio de comunicação, seja entre as personagens ou, ainda, entre o narrador e os leitores do texto.

#### **Monalisa in brazilian literature: the look of capitu**

**ABSTRACT:** In this article we will analyze the importance of the look, especially the women's look in the writing of Machado de Assis. To do so, we will focus specifically in Capitu character, from the novel *Dom Casmurro*, so that prove such importance. We use, among other critical works about the author in question, the texts of Candido (2004) and Bosi (2007).

**Keywords:** Machado de Assis. Look. Importance. Capitu. *Dom Casmurro*.

#### **Referências**

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ediouro, 2002.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. Disponível em: <[www2.uol.com.br/machadodeassis](http://www2.uol.com.br/machadodeassis)> Acesso em: julho de 2013.

**REVISTA MEMENTO**

**V.4, n.2, jul.-dez. 2013**

**Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR**

**ISSN 2317-6911**

BARBOSA, João Alexandre. **Literatura Nunca é apenas Literatura**. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_17\\_p021-026\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_17_p021-026_c.pdf) > Acesso em: 22 de agosto de 2013.

BERGAMINI, Denise Lopes. **As Mulheres no conto de Machado de Assis**. Darandina Revisteletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF, volume 1, número 1, 2008. Disponível em: <[http://www.darandina.ufjf.br/textos/outubro\\_2008/artigos/as\\_mulheres\\_no\\_conto.pdf](http://www.darandina.ufjf.br/textos/outubro_2008/artigos/as_mulheres_no_conto.pdf) > Acesso em: 22 de julho de 2013.

BERRINI, Beatriz. **A leitura machadiana do olhar**. 2008. Disponível em: <<http://www.lusitanistasail.net/berrini01.htm#3> > Acesso em: 21 de julho de 2013.

BIANCHETTI, Lucídio. **Um olhar sobre a diferença** - As múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. Disponível em: < [http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca\\_artigos/inclusao\\_educacao\\_ssurdos/olhares-sobre-olhar.pdf](http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/midiateca_artigos/inclusao_educacao_ssurdos/olhares-sobre-olhar.pdf) >. Acesso em: 23 de agosto de 2013.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis In: **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004.

\_\_\_\_\_ e CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira – Das origens ao Realismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil: Era Realista e Era de Transição**. 6 ed. São Paulo: Global, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LEMOS, Ingrid. **Mona Lisa faz 500 anos**. Ciência. Cult., São Paulo, v. 56, n. 2, Abril. 2004 . Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252004000200030&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200030&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 de abril de 2009.

STEIN, Ingrid. **Figuras Femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.